

Muito barulho por nada? Flash Mobs como forma de coesão social e apropriação do espaço urbano

Giovana Azevedo Pampanelli Lucas

Mestre em comunicação pela UERJ e cursando disciplinas isoladas do doutorado em comunicação da UFF.

Resumo

A opinião de alguns autores a respeito da dissolução da coesão social e do espaço urbano causada pela era tecnológica tem no flash mob o seu questionamento. O trabalho tenta mostrá-lo como um movimento que, surgido no ciberespaço, contesta e vai em sentido contrário dessa tendência, trazendo de novo o convívio social para o espaço urbano.

Abstract

Some authors' opinion about the dissolution of the social cohesion and the urban space caused by the technological era has its questioning in the flash mob. The paper tries to show them as a movement that coming from the ciberespace, contest and go to the opposite direction of this tendency, bringing the social familiarity to the urban space again.

“Em todos os pontos, a cidade oferece surpresas para os olhos: um cesto de alcaparras que surge na muralha da fortaleza, as estátuas de três rainhas numa mísula, uma cúpula em forma de cebola com três pequenas cebolas introduzidas em sua extremidade. (...) Milhões de olhos erguem-se diante das janelas pontes alcaparras e é como se examinassem uma página em branco. Muitas são as cidades como Filiade que evitam os olhares, exceto quando pegas de surpresa”.¹

*“(...)O tribalismo é um anti-movimento
Que vai se desintegrar no próximo momento
O tribalismo pode ser e deve ser o que você quiser
Não tem que fazer nada basta ser o que se é
Chegou o Tribalismo mão no teto e chão no pé (...)”²*

145

Carros, ônibus, um fluxo ininterrupto de pedestres transitam as ruas e calçadas movimentadas no agitado centro da cidade. Nas grandes metrópoles ou mesmo naquelas que ainda não têm este título, mas que já possuem certas características bem semelhantes desta, as pessoas passam de um lado para o outro e não se reconhecem. Apenas admitem a pressa, olhando para o relógio ansiosamente, preocupadas em chegar a tempo ao destino.

Algumas se entreolham, mas o ritmo ávido da cidade não permite maiores aproximações. E os carros, os ônibus, o comerciante gritando, os breves olhares e os passos apertados dos habitantes continuam ininterruptamente a dar movimento e ambiência a turbulenta cidade grande. E assim continua a vida urbana: o mendigo debaixo da marquise, um grupo de estudantes trocando figurinhas na porta do colégio, o camelô vendendo bugigangas, os homens no bar conversando e rindo, os transeuntes indo para lugares que não sabemos onde fica ou voltando deles. Nada parece quebrar o ritmo quase imutável da cidade.

Quando menos se espera surge uma multidão humana na avenida principal às 15h, em pleno horário comercial. A multidão vai se formando rapidamente e os seus integrantes vêm de todos os lugares. Vestidos de vermelho começam a gritar e a mexer sem parar com as mãos. O trânsito pára. Qualquer lugar é lugar para a multidão se formar. Depois de alguns minutos, antes que a polícia percebesse, o grupo se dispersa rapidamente. Seus membros organizam a dispersão indo cada um para uma direção diferente.

Neste pequeno instante, a cidade parece parar. Os pedestres, os motoristas, os comerciantes das redondezas olham assustados a movimentação. Algo quebrou o fluxo temporal da cidade. O “Flash Mob”, nome dado a este fenômeno, “puxa o freio de mão” do ritmo urbano.

Os mobbers – integrantes do Flash Mob – combinam suas ações pela internet, mais especificamente, por grupos de discussão e e-mail. Existem casos

que a organização é feita também através de mensagens de texto via telefone celular. O “flash mob” ou “mobilização relâmpago” é formado por comunidades virtuais que se materializam no espaço público.

Muitos autores admitem que vivemos na era tecnológica do ciberespaço e que por isso, a instantaneidade proporcionada pela internet conduziria a cultura humana a uma perda de sentido e de utilidade. Não mais se conseguiria realizar a coesão social, pois a técnica modificaria e destruiria para sempre as relações de convívio humano.

Este trabalho pretende mostrar justamente o contrário. Consideramos aqui que o flash mob é uma forma de resistência ao tempo veloz do ciberespaço. Podemos dizer que vem dele, mas ao mesmo tempo, nega o tempo “hiper-nano” deste espaço. Em outras palavras, o fenômeno do flash mob usa a velocidade da internet para marcar concretamente o espaço urbano. Por trás disso, há uma comunidade que tem como principal objetivo a coesão social.

COESÃO E COMUNIDADE

A cidade moderna foi planejada para organizar o corpo social e a sua circulação. O projeto moderno de cidade queria dar organização e racionalidade aos encontros turbulentos e desorganizados que as pessoas comuns realizavam no espaço público. Os veículos de transporte e de comunicação atravessam os vários pontos da cidade e a circulação se fazia intensa por estas vias. As descobertas científicas iriam garantir o progresso e os deslocamentos cada vez maiores e mais rápidos. “A conquista do espaço veio a significar máquinas mais velozes. O movimento acelerado significava maior espaço, e acelerar o movimento era o único meio de ampliar o espaço”.³

Hoje podemos viajar sem sair da cadeira. A tela do computador, da televisão pode nos levar para outros lugares (espaços). A contemporaneidade vai unir um mundo imaterial da internet com o mundo material da modernidade. A partir desta junção, criamos novos espaços e novas formas de “estar juntos”. “Os modos de vida vão se transformando de acordo com as invenções que fazemos dos espaços”.⁴

(...) Na contemporaneidade, a cidade de plasma não permite a construção de referência completa ou totalitária que o mapa moderno oferecia ao indivíduo. Perdemos a dimensão concreta dos locais onde os fatos realmente acontecem, e as interações se tornam cada dia mais complexas e multifacetadas. (...) É impossível definir claramente e de maneira unívoca as formas de relações sociais que se estabelecem nesses territórios contemporâneos. Modernamente se definia a cidade através de um sentido único, totalizante, utilitarista ou mesmo segmentado, porém hoje as redes de comunicação tornam os espaços sensibilizados, voláteis, fragmentados e não permitem interpretações totalitárias, mesmo que fictícias.⁵

Zygmunt Bauman defende em seu livro “Modernidade Líquida” que a principal característica dos lugares “públicos não civis” é a dispensabilidade de interação. No entanto, com o advento da internet, temos a oportunidade de estar em novos espaços interagindo com pessoas de toda parte do mundo e nos relacionamos com elas de diversas maneiras. A internet convoca a congregação, a entrada na comunidade. O Flash Mob é um bom exemplo, a comunidade imaterial parece não se contentar apenas com a coesão simbólica, os mobbers marcam presença na espacialidade da cidade sob a forma de multidão.

A onda dos flash mobs, isto é, mobilização relâmpago ou turba relâmpago tem se espalhado por várias cidades do mundo. Aparentemente, o propósito é não ter propósito, ou melhor, o que move os mobbers é o sentimento de “estar junto”, não só imaterialmente, mas também no espaço físico da cidade. Ao realizar uma performance qualquer no espaço físico, os integrantes causam surpresa em qualquer ponto da cidade, quebrando a rotina desta. O artista plástico Eli-Goland foi um dos organizadores de um Flash Mob na avenida Paulista, em São Paulo, no mês de agosto. Segundo ele, a performance escolhida deve abranger o maior número de pessoas: “Um ato individual, tirar o sapato, onde uma pessoa de 80 anos pudesse participar, sem que uma pessoa se destacasse na multidão”.⁶

Muitas são as encenações: urrar para um dinossauro numa loja de brinquedos, vestir-se de vermelho e gritar, tirar os sapatos e andar descalço no meio da avenida, apontar controles-remoto para um telão em pleno centro comercial. Essa forma de manifestação coletiva pretende, ainda que momentaneamente, romper com a ordem espacial moderna da cidade. Para os mobbers não existe uma “hierarquia de lugares”, visto que eles se reúnem em qualquer local. É uma forma de resistência ao espaço moderno, e porque não dizer, de uma nova percepção do espaço.

Não podemos deixar de mencionar o que está por trás deste movimento: a comunidade e a coesão social. Autores, como Paul Virilio, por exemplo, afirma que iremos quebrar o muro da velocidade da luz, admirando o acontecimento das tecnologias que transformam tudo e todos instantaneamente em espetacular. Bauman, por exemplo, afirma que a internet - mídia que dá suporte ao Flash Mob - também faz com que percamos a dimensão real do espaço concreto das cidades. Os espaços se tornam sem sentido e desencorajam a interação social. No entanto, fenômenos como o Flash Mob provam o contrário. As comunidades imaterial e material potencializam a apropriação do espaço público através da multidão.

Os integrantes do Flash Mob fazem parte de uma comunidade formada, primeiramente, no espaço imaterial da internet. A sociabilização constituída na rede cria normas internas para a participação dos atores que repercutem estas regras no espaço urbano – o flash mob deve durar até dez minutos e as pessoas

devem dispersar, sem conversar depois. Deve-se frisar que este tipo de comunidade escapa da regularização das instituições que regulam a ordem pública.

Milton Santos, em seus livros *A “Natureza do Espaço”* e *“Por uma outra globalização”* aponta a existência de dois recortes superpostos e complementares do espaço geográfico atual: a verticalidade e horizontalidade. A verticalidade é constituída pelos aparelhos estatais, são os atores do tempo rápido, as relações que mantêm a agregação e cooperação entre agentes resultam em um processo de organização, no qual predominam fatores externos às áreas de incidência dos mencionados agentes. Na verticalidade, prevalecem os interesses corporativos sobre os interesses públicos. Já a horizontalidade, é o “espaço banal” em oposição ao espaço econômico. O espaço banal seria o espaço de todos: empresas, instituições, pessoas, ou seja, o espaço das vivências. Neste espaço, a ação do Estado é limitada. Ainda de acordo com Milton Santos, a sobrevivência do conjunto depende do exercício da solidariedade, indispensável ao trabalho e que gera visibilidade do interesse comum.

É na horizontalidade que vemos acontecer o fenômeno do Flash Mob com o surgimento de uma comunidade que resiste ao tempo rápido ditado pelas tecnologias, pela verticalidade da cidade. É na horizontalidade, no espaço do cidadão comum, que vemos nascer novas formas de vivência social, onde surgem novas culturas, as histórias miúdas, que como já foi dito, vêm na contra mão da velocidade dita pós-moderna. “(...) Os lugares também podem refortalecer horizontalmente, reconstruindo, a partir das ações localmente constituídas, uma base de vida que amplie a coesão da sociedade civil, a serviço do interesse coletivo”.⁷

As horizontalidades são tanto o lugar de finalidade imposta de fora, de longe e de cima, quanto o da contrafinalidade, localmente gerada. Elas são o teatro de um cotidiano conforme, mas não obrigatoriamente conformista e, simultaneamente, o lugar da cegueira e da descoberta, da complacência e da revolta.⁸

Milton Santos cita E. Bakhtin quando afirma que “a arquitetura concreta do mundo atual dos atos realizados tem três momentos básicos: Eu-para-mim-mesmo; o outro-para-mim; o Eu-para-o-outro”⁹. Desta forma é que se constroem e refazem os valores, através de um processo incessante de interação. Mais adiante ele aponta o caráter, ao mesmo tempo, uno e múltiplo das cidades atuais, principalmente as metrópoles “abertas a todos os ventos do mundo”.¹⁰

Esses lugares com a sua gama infinita de situações, são fábricas de relações numerosos, freqüentes e densas. O número de viagens internas é muitas vezes superior ao de deslocamentos para outros subespaços. (...) A cidade é o lugar onde há mais mobilidade e mais encontros. A anarquia atual da cidade grande lhe assegura uma maior número de deslocamentos, enquanto a geração de relações interpessoais é ainda mais intensa.¹¹

Henrique Antoun em seu artigo “A Multidão e o Futuro da Democracia na Cibercultura” disserta sobre redes terroristas de guerra. Estas redes são formas de organização que sustentam as comunidades terroristas. Também neste caso, a técnica estaria contribuindo para a organização e coesão social de tais comunidades. Segundo o autor, a multidão encontra na rede um meio privilegiado de exprimir sua potência de ação, fazendo seus movimentos de luta através da construção de redes. Neste caso também a comunidade imaterial repercute no espaço material, tais como de acordo o autor, a marcha do movimento Zapatista de Chiapas para a capital do México, a manifestação de protesto da sociedade civil global em Gênova, na Itália, por ocasião da reunião do G8, e o recente atentado terrorista promovido pelo grupo Al Qaeda nos Estados Unidos.

Para Howard Rheingold, em seu livro que influenciou a emergência do Flash Mob, “Smart Mobs: The Next Revolution”, cunhou o conceito de comunidades virtuais para caracterizar as comunidades e redes constituídas através do ciberespaço. A Internet, segundo ele, seria um meio de todos os meios de comunicação, constituindo-se como um hipermeio cujas mensagens são novos modos de vida e as comunidades virtuais que emergiram neste suporte fariam dela uma mídia para viver.

Mais do que isso, Rheingold, considera que as comunidades virtuais são capazes de recriar o tradicional sentido de participação e envolvimento das antigas comunidades, constituindo uma revitalização da esfera pública social e da política democrática através do recém-nascido ciberespaço. Comunicação e tecnologia da computação seriam, assim, capazes de ampliar ações coletivas não só no espaço imaterial, mas também repercutindo no espaço público dos centros urbanos. No sumário de seu livro disponível na internet¹², Rheingold fala da influência dos artefatos técnicos na vida cotidiana e, por conseqüência, na cultura:

Smart mobs emerge when communication and computing technologies amplify human talents for cooperation. The impacts of smart mob technology already appear to be both beneficial and destructive, used by some of its earliest adopters to support democracy and by others to coordinate terrorist attacks. The technologies that are beginning to make smart mobs possible are mobile communication devices and pervasive computing – inexpensive microprocessors embedded in everyday objects and environments. Already, governments have fallen, youth subcultures have blossomed from Asia to Scandinavia, new industries have been born and older industries have launched furious counterattacks.¹³

Por outro lado, autores como Fernback e Thompson¹⁴, negam que a comunicação mediada por computador (CMC) fosse capaz de criar verdadeiras comunidades. Para eles, as CMC e as demais tecnologias da informação promovem a fragmentação cultural e política das sociedades. No entanto, ao analisarmos o Flash Mob notamos que as comunidades constituídas no

ciberespaço se materializam no espaço físico da cidade, utilizando para tal a velocidade da mídia eletrônica.

TEMPO E O FLASH MOB

Os Flash Mobs também são um exemplo de resistência à celeridade “hiper-nano” do ciberespaço. As relações sociais extrapolam o espaço imaterial, reforçando o sentimento de “estar junto” em outro tempo. O movimento, por um instante, pára o ritmo frenético da cidade, realizando uma quebra no tempo produtivo e seqüencial da cidade moderna. Para entendermos tal afirmação é necessário frisar que coexistem, segundo Michel Volvelle¹⁵, tempos que se multiplicam e que se sobrepõem: o tempo da produção e o tempo lento das pequenas comunidades. Ou melhor dizendo, o tempo da verticalidade do grande relato, da nação e o tempo da horizontalidade onde são construídas as relações sociais, caracterizando o tempo da resistência tecnologizante.

O surgimento do fenômeno do Flash Mob desconstrói a visão determinista de autores como Zygmunt Bauman, por exemplo. Bauman afirma que o tempo veloz da técnica acaba por eliminar o espaço da sociabilidade. Paul Virilio admite, ainda, que o único tempo possível é o da hipervelocidade. Em meio ao grande discurso da técnica, o fenômeno do Flash Mob veio mostrar que o tempo lento da comunidade pode resistir à hipervelocidade.

Para pensar na suspensão temporal que o Flash Mob suscita na cidade podemos estabelecer um paralelo a partir da teoria de Mikhail Bakhtin¹⁶ sobre o Carnaval. Segundo o autor, nesta festividade ocorre o triunfo de uma liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, abolindo-se provisoriamente todas as relações hierárquicas, regras e tabus. Estabelecem-se desta forma, entre os indivíduos, relações novas, verdadeiramente humanas, desaparecendo provisoriamente a alienação.

Para Bakhtin, durante o carnaval:

(...) o indivíduo se sente parte indissolúvel da coletividade, membro do grande corpo popular. Nesse todo, o corpo individual cessa, até um certo ponto, de ser ele mesmo: pode-se, por assim dizer, trocar mutuamente de corpo, renovar-se (por meio das fantasias e máscaras)¹⁷

No Flash Mob, assim como no carnaval, os indivíduos saem do cotidiano opressor, se permitem à aproximação resistindo ao tempo produtivo tão valorizado e difundido na época moderna, mas que hoje ainda perdura na cidade urbana. O Flash Mob nos permite sair da mesmice do cotidiano “que pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente (...) é o peso da vida”¹⁸. Fernand Braudel, ao estudar o passado histórico das civilizações, observou que numa mesma instituição explícita de tempo conviviam temporalidades plurais, tempos múltiplos ditados pelos diferentes ritmos da vida social. O autor notou que as sociedades adotam modos de vida condizentes com o seu mundo histórico e com o ritmo temporal definido por sua cultura.

(...) num momento dado numa determinada etapa da existência dos homens em sociedade, pulsam temporalidades diversas, definidas por uma complexa rede de aspectos, tais como as categorias profissionais, os prestígios de linhagem, o controle do sistema ideológico e o exercício do poder político, entre outras questões que moldam e fazem a dinâmica dos grupos sociais.¹⁹

Com esta afirmação notamos que cada época histórica molda seu tempo social, além de possuir várias gradações de temporalidades. Com o advento da sociedade mercantil, por exemplo, desenvolveu-se o tempo “concreto”, que passa a ser regulado pelos valores sociais. Já na modernidade, o tempo se transformou num poder de síntese de regulação social. As atividades industriais precisavam ter a referência do relógio mecânico para demarcar e controlar as novas ocupações humanas. Com estas observações citadas acima, Braudel formula a teoria dos tempos múltiplos, expressa na célebre idéia da “longa duração”:

(...) teoria que se desdobra em três dimensões distintas e em compassos muito diferentes – o longuíssimo tempo da natureza, o tempo médio das estruturas e o momento fugaz das ações humanas –, o tempo da história já não mais se reduziria à pura e simples cronologia ou mesmo a periodizações esquemáticas (...).²⁰

151

Na contemporaneidade, então, podemos dizer que existem tempos múltiplos e não apenas a celeridade “hiper-nano” do ciberespaço. A sociabilidade do Flash Mob instaura um novo “espírito do tempo” que altera o fluxo contínuo do tempo da cidade, valorizando muito mais o caráter intuitivo do tempo do que mecânico do mesmo. Isto porque a experiência e os laços sociais se dão no tempo longo ou comunal.

Não podemos deixar de mencionar também que o tempo se tornou tão fragmentado que apenas o presente parece ter sentido. As multidões relâmpago valorizam o tempo presente – o *hic et nunc* – o instante que se torna eterno, revelando a intensidade do momento. “A instantaneidade faz com que cada momento pareça ter capacidade infinita; e a capacidade infinita significa que não há limites ao que pode ser extraído de qualquer momento – por mais breve e ‘fugaz’ que seja”²¹. Esta valorização do instante faz com que aconteça a referida suspensão em relação ao tempo da produção da cidade.

Por fim, o Flash Mob exhibe, na contemporaneidade, um tempo lento, expressando uma nova forma de resistência e de apresentação da comunidade no espaço urbano. Para tal, o Flash Mob se alicerça em um paradoxo: a mobilização relâmpago usa a celeridade para se unir e dispersar, mas ao mesmo tempo, suspende por um breve instante o ritmo frenético da cidade. Para isso, se apóia na velocidade do ciberespaço – o nanossegundo – para realizar a apropriação aleatória do espaço urbano. Podemos interpretar o fenômeno do Flash Mob como uma utilização da técnica com o intuito de criticar o discurso totalizante de que as novas tecnologias esmagam a subjetividade e a sociabilidade humanas.

CONCLUSÃO

É certo que com a ajuda da tecnologia podemos vislumbrar novos espaços, conhecendo pessoas de toda a parte para nos relacionar e interagir de diversas maneiras. Hoje, os espaços se multiplicaram e fragmentaram, e novas percepções de tempo e espaço vêm a tona. No entanto, não deixamos de possuir referências concretas e de viver momentos de maneira intensa e material. Não devemos encarar a contemporaneidade com uma visão determinista.

Ao lado do tempo dos computadores e da internet também coexiste o tempo lento, comunal. Basta prestarmos atenção em algumas cenas do cotidiano: a vizinha que vem pedir um pouco de farinha, no grupo de estudantes que senta à calçada para conversar e nos próprios Flash Mobs.

Os lugares e seus sentidos são experimentados sob vários tempos. O tempo longo da horizontalidade sempre esteve presente na história do homem ao lado, claro, do tempo da produção e, mais recentemente, da hipervelocidade. E aqui lembro Braudel quando menciona a pluralidade de tempos. Na realidade estamos sempre ligados uns aos outros, ligados à uma espacialidade que reconhecemos e que nos remete a algum sentido próprio.

Com a aproximação do homem da tecnologia, surge na contemporaneidade, uma nova compreensão sobre o uso do tempo e dos espaços que surgem virtualmente. O homem convive com os diferentes tempos e espaços, mas nem por isso deixa de impor seu próprio ritmo, resistindo à velocidade que a experiência não suportaria. Apesar de toda a tecnologia, ele não deixa de viver a “história miúda” do seu cotidiano, estabelecendo vínculos sociais concretos. Os Flash Mobs nos faz repensar no tipo de coesão que ele suscita e as suas motivações. Este tema mereceria um aprofundamento em outro trabalho.

Os Flash Mobs são a criação de um mundo à parte no espaço urbano, é um rompimento ainda que instantâneo com a ordem da cidade. Os mobbers destroem, mesmo por um momento, a lógica que rege a vida urbana, desobedecendo a hierarquia de lugares e a rigidez do tempo da produção. Ao abandonarem o lugar escolhido, é provável que os integrantes levem com eles a sensação de rompimento da lógica moderna, promovendo a revitalização da esfera pública social através do tempo hiperveloz do ciberespaço.

NOTAS

¹ CALVINO, Ítalo. 1990: p 85-86.

² Tribalistas – música de Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown e Marisa Monte.

³ BAUMAN, Zygmunt. 2001: p.131.

⁴ SANTOS, Douglas 2002 p. 49

⁵ MAIA, João. 2003: p. 14.

⁶ Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/paginas/caderno/materias>

⁷ SANTOS, Milton. 2002: p. 288.

⁸ Idem, Ibidem: p. 286.

⁹ Idem, Ibidem: p. 316.

¹⁰ Idem, Ibidem: p. 319.

¹¹ SANTOS, Milton. 2002: p. 319.

¹² RHEINGOLD, Howard. 2003. disponível em: www.smartmobs.com/book/book_summ.html

¹³ Idem, Ibidem.

¹⁴ Cf. Jan Fernback e Brad Thompson, Virtual Communities: Abort, Retry, Failure? USA: Rheingold. Disponível em: <http://www.rheingold.com/texts/techpolitix/Vccivil.html>.

¹⁵ LE GOFF, Jacques. 1988: p. 81

¹⁶ BAKHTIN, Mikhail. 1987 apud SOIHET, Rachel.1999.

¹⁷ BAKHTIN, Mikhail. 1987 apud VARGAS, Adriana de Oliveira. 1999

¹⁸ CERTEAU, Michel De. 1996. p 31 apud RAMOS, Gerusa Valéria Flores Barboza, 1997. p. 02

¹⁹ BRAUDEL, Fernand. 2003: p. 91

²⁰ LOPES, Marco Antônio. 2003. p. 6.

²¹ BAUMAN, Zygmunt. 2001: p.145.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. Noites Nômades: espaço e subjetividade das culturas jovens contemporâneas/ Maria Isabel Mendes de Almeida, Kátia Maria de Almeida Tracy. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- ANTOUN, Henrique. A Multidão e o Futuro da Democracia na Cibercultura, 2002. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/tics/2002>.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BRAUDEL, Fernand. Tempo e História/ Marcos Antônio Lopes (org). Rio de Janeiro: ed. FGV, 2003.
- CALVINO, Ítalo. As Cidades Invisíveis. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASTELLS, Manuel. A Questão Urbana. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1983.
- DOCTORS, Márcio (org). Textos de Márcio Tavares d'Amaral. Tempo dos Tempos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.
- ELIAS, Norbert. Sobre o tempo. Tradução Vera Ribeiro; revisão técnica Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- LE GOFF, Roger Chartier, Jacques Revel. Tradução Eduardo Brandão. A História Nova. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MAIA, João. Deslocamentos e Circulações nas Cidades Modernas, 2003.
- MAIA, João. Os destinos da cidade: deslocamentos e sociabilidades, 2003.
- Onda flash mob invade o mundo. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/cadernoi/materias>.
- RAMOS, Gerusa Valéria Flores Barboza, 1997. Disponível em: www.ced.ufsc.br/~neeo6/RAMOS.pdf
- RHEINGOLD, Howard. 2003. Smart Mobs: The Next Revolution. Disponível em: www.smartmobs.com/book/book_summ.html
- SANTOS, Douglas. A Reinvenção do Espaço: Diálogos em torno da construção do significado de uma categoria. Ed. Unesp, 2002.
- SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo. Ed. Edusp, 2002.
- SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SOIHET, Rachel. Reflexões sobre o carnaval na historiografia: algumas abordagens. 1999. Disponível em: <http://gladiator.historia-uff.br/tempo/textos/artg7-8.pdf>

VARGAS, Adriana Oliveira de. Carnaval Espetáculo e Consumo. 1999. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/necom/mono/monoadrianaoliveiradevargas/monoadriana.htm>

WERTHEIM, Margaret. Uma história do espaço de Dante à Internet; tradução, Maria Luiza X. de A Borges; revisão técnica Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

WHITHOW, G. J. O tempo na história: concepções de tempo da pré-história aos nossos dias. Tradução, Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 1993.